

Francisco Linhares Fonteles Neto

O banditismo  
nos sertões do  
Brasil: o caso de

# JESUÍNO BRILHANTE

(Século XIX)

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**



## SOBRE O AUTOR

Francisco Linhares Fonteles Neto tem licenciatura em História, pela UFC; mestrado em História Social, pela UFC/Unicamp, com bolsa CAPES /Procad; doutorado em História Social, pela UFRJ; e pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiro IEB-USP, com bolsa PDJ - CNPq. É professor do curso de História na UERN e coordenador do ProfHistória. Foi coordenador Institucional do PIBID/UERN (2015-2016); coordenador do programa de pós-graduação interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas (2017-2020); e participou, como parecerista, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), nas edições de 2019, 2020, 2022, 2023 e 2025. Atualmente desenvolve pesquisas sobre: banditismo social nos séculos XIX e XX; criminalidade; polícia; e narrativas de crime.

"A obra escrita por Francisco Linhares Fonteles Neto traz análise magistral sobre o fenômeno do banditismo no Brasil e as transformações das diversas visões sobre indivíduos que levaram o terror às populações interioranas, mas que depois são monumentalizados. Entrelaçando uma história social do crime e a produção de uma biografia bastante contextualizada, seu livro aborda a vida de Jesuíno Brilhante, considerado o maior bandido que atuou nos sertões oitocentistas, antecedendo outros bandidos, como foi o caso de Lampião. Propondo separar o "homem mítico" – construído ao longo do tempo pela tradição popular – do "homem da realidade histórica", o autor refuta certa historiografia produzida sobre banditismo que acaba por idealizá-los como "bons bandidos". Utilizando-se de larga variedade de fontes, o autor percorre a trajetória de Jesuíno Brilhante e a "construção das redes, da proteção, das alianças e das trocas forçadas entre os fora da lei e proprietários de terras, políticos locais e, não raro, membros do Estado", nas palavras do autor. Busca a origem do bandido por meio do conflito entre duas importantes famílias – Alves de Melo e Limões –, para depois investigar o alcance das notícias sobre suas ações. Apesar de se centrar nas províncias do RN, CE e PB, a pesquisa minuciosa de Francisco Linhares revela que o nome de Jesuíno apareceu também em jornais de todo Brasil, inclusive na Capital do Império. Isso confirma o alcance nacional de seu nome em um "panteão" dos bandidos. Finaliza a obra discutindo como essa personagem histórica passou de bandido para um mito de "bom bandido"; um monumento histórico. O autor analisa como a memória construída em torno de Jesuíno Brilhante, tanto na literatura quanto no folclore, conformou o imaginário de um bandido modelo, tantas vezes repetido com outras personagens. Com rigor teórico e metodológico impecáveis de um historiador comprometido com a análise e investigação crítica das fontes, este livro contribuiu enormemente para a história social do crime no Brasil."

Francisco Linhares Fonteles Neto

O banditismo  
nos sertões do  
Brasil: o caso de

# JESUÍNO BRILHANTE

(Século XIX)

Sobral - CE

2026

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**





# O banditismo nos sertões do Brasil: o caso de Jesuíno Brilhante (Século XIX)

© 2026 copyright by Francisco Linhares Fonteles Neto

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com.br  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com.br

## **Cordenação Editorial e Projeto Gráfico**

Marco Antônio Machado

## **Coordenação do Conselho Editorial**

Antônio Jerfson Lins de Freitas

## **Revisão Ortográfica**

Ariane da Silva Vieira Linhares

## **Diagramação**

Rosilene Alves de Albuquerque

## **Ilustrações**

Augusta Cintra e Davyd Lemos

## **Catálogo**

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

F683b Fonteles Neto, Francisco Linhares.

O banditismo nos sertões do Brasil: o caso de Jesuíno Brilhante (Século XIX). / Francisco Linhares Fonteles Neto - Sobral, CE: SertãoCult, 2026.

184p.

ISBN: 978-65-5421-270-0 - (papel)  
ISBN: 978-65-5421-271-7 - (e-book PDF)  
DOI: 10.35260/54212717-2026

1. Banditismo - Brasil - História - Século XIX. 2. Criminalidade rural - Brasil - História. 3. História social do crime - Brasil. 4. Jesuíno Brilhante. 5. Território - Aspectos históricos. I. Título.

CDD 981 História do Brasil  
364.10981 - História do crime no Brasil  
303.6 - Conflito social

*Para meus filhos, Gabriel e Miguel!*



## AGRADECIMENTOS

O estudo do banditismo é um tema clássico dentro do grande campo da história social do crime que sempre me despertou o interesse. Desde que cheguei ao Rio Grande do Norte, em 2008, iniciei a coleta de fontes sobre o tema nos arquivos locais, no Ceará e Paraíba. E ao longo dos últimos dez anos, passei a institucionalizar a pesquisa em vários projetos a fim de conhecer mais sobre o fenômeno. Assim, a obra que apresento é fruto dos projetos: “Crimes e criminosos no Rio Grande do Norte no século XIX” (2015-2016) e “Jesuíno Brilhante e a monumentalização da figura do bom bandido” (2017-2020), financiadas com bolsa de Iniciação Científica da UERN e do CNPq, contou com a participação dos alunos bolsistas Alexandre Targino e Maíra Souza, que me ajudaram a organizar um banco de dados e mapas.

Um outro projeto maior, contemplado pelo CNPq, no edital Universal MC-TIC/CNPq Nº 28/2018, foi intitulado: “Jesuíno Brilhante o bandoleiro dos sertões do Norte do Brasil no século XIX” (2019-2020), mas devido aos constantes cortes orçamentários implementados pelo Governo Federal, não recebemos a verba aprovada para o projeto em edital público, todavia mantivemos a pesquisa em funcionamento utilizando recursos próprios!

Por fim, obtive novamente recurso do CNPq, que financiou essa pesquisa com bolsa de Pós-Doutorado Junior – PDJ/2021, realizado no Instituto de Estudos Brasileiros IEB-USP, ajudando a organizar melhor documentos coletados e a elaborar uma reflexão mais madura que se materializa no livro aqui apresentado.

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da UERN, também, me concedeu auxílio financeiro para apresentar comunicações em congressos no Brasil e coletar fontes em arquivos fora do estado do Rio Grande do Norte, utilizando seus recursos via PROAP/CAPES e do caixa do Programa.

Devo dizer, que ao longo desse tempo, colecionei dívidas de gratidão que não sei se serei capaz de pagar algum dia. Mas ousou aqui lembrar de alguns que estiveram mais presentes e envolvidos nessa trajetória.

Começo agradecendo ao bravo povo brasileiro que com seus suados tributos têm financiado à pesquisa e o conhecimento, mesmo que nos últimos anos os cortes e ataque à ciência tenham se transformados em uma política criminosa e sistemática, cortando os investimentos e implementando um desmonte das políticas públicas que ampliaram o acesso de jovens à universidade e bolsas, em vários níveis. Nesse contexto, sou imensamente grato aqueles que bancaram essa pesquisa, tanto a minha bolsa como a dos meus alunos de Iniciação Científica.

Aos amigos historiadores, reconheço a contribuição de cada um, infelizmente alguns não estão mais aqui para ver o resultado final, mas sei que se alegrariam comigo, especialmente Manolo Florentino - UFRJ, Dirceu Franco - USP, João Araújo - UERN (*in memoriam*), João de A. Ribeiro - UFRRJ, Tiago S. César - UFPE, e Deivy C. Ferreira - UFU, Maíra Vendrame - UFPel e ao Frederico Oliveira administrador da excelente página História da Polícia e da Criminalidade, hospedada no *Facebook*, uma fonte importante de referências sobre a temática. Além das indicações, agradeço a todos que se dispuseram a ler o texto original comigo, debateram ou simplesmente pararam para me ouvir falar sobre a pesquisa, de alguma forma, muito me ajudaram no amadurecimento desse trabalho que agora, entendemos, está pronto. Ao Eli Paiva - Unicamp, por me presentear com um livro raro, fundamental na pesquisa, a Paula Thais pela referência sobre Jesuíno, Andreza Nogueira pela cópia de livros e processos de Pombal, Glenda Emmanuelle pelo apoio na reta final, ao Eduardo Cavalcante da UFRJ que me ajudou na coleta das fontes no Arquivo Nacional - RJ, e um agradecimento especial a todos os alunos do meu grupo de estudo de História do Crime.

Agradeço ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, IEB-USP, pela oportunidade de amadurecer muitas das reflexões contidas nesse livro, aos técnicos, bibliotecários, arquivistas e em especial a professora Monica Dantas Duarte, que me acolheu nessa empreitada e acompanhou a supervisão de meu pós-doutoramento. Historiadora experiente no *métier*, sempre generosa e perspicaz nas críticas e comentários ao meu texto, desde quando ainda era

um projeto, ajudando a refinar os argumentos, porém o resultado contido neste livro é de minha total responsabilidade.

Agradeço aos alunos da USP e de outras IES do Brasil que participaram da disciplina “Introdução à historiografia do banditismo: abordagens possíveis”, ministrada por mim, na modalidade de curso de extensão pelo IEB, o que favoreceu um público bem diverso. Esse rico momento, permitiu o amadurecimento das minhas reflexões e ideias, partilhadas em sala de aula.

Também tive a sorte de ser agraciado com a arte de dois amigos de longa data, Davyd Lemos e Augusta Cintra, grato pelo presente, que ora ilustra esse livro!

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte que me liberou por um ano de minhas funções de docente, para realizar pós-doutoramento, o meu agradecimento.

Por fim, agradeço à minha família. Minha mãe, D. Diana, minhas irmãs, Carliana e Diana, meus cunhados Romulo e Geovane, sobrinhos (Oliver, Letícia, Moisés, Iara e Carol) Ariane, minha esposa, meus filhos Gabriel e Miguel que acompanham a minha rotina, vocês sabem o quanto amo a pesquisa histórica, gratidão por me animarem a terminar mais um livro.



# SUMÁRIO

|                   |    |
|-------------------|----|
| Prefácio.....     | 13 |
| Apresentação..... | 15 |
| Introdução.....   | 19 |

## PRIMEIRA PARTE

### TEORIAS CRIMINAIS NO BANDITISMO À BRASILEIRA ..... 27

CAPÍTULO I

|  |    |
|--|----|
| 1.1 Hereditariedade, clima e taras congênicas: definindo o homem criminoso dos sertões.....        | 31 |
| 1.2 A historiografia do banditismo rural: o lugar de Jesuíno Brilhante e algumas ponderações ..... | 47 |

### BRIGAS DE FAMÍLIAS NO SERTÃO ..... 63

CAPÍTULO 2

|  |    |
|--|----|
| 2.1 O caso da província do Rio Grande do Norte: a briga das famílias Alves de Melo x Limão ..... | 64 |
| 2.2 A herança de José Brilhante e as alianças interprovinciais no combate ao banditismo .....    | 78 |

## SEGUNDA PARTE

|            |   |            |
|------------|---|------------|
| CAPÍTULO 3 | <b>MEDO E DESORDEM NO SERTÃO SEM CONTROLE: A CIRCULAÇÃO DE NOTÍCIAS SOBRE OS ATAQUES DE JESUÍNO BRILHANTE E SEU BANDO</b> ..... | <b>89</b>  |
|            | 3.1 Ataque à cadeia de Pombal-PB (1874) e invasão à cidade de Imperatriz (Martins-RN 1876): o medo no sertão .....              | 93         |
|            | 3.2 Secas e saques (1877-1879) .....  | 118        |
| CAPÍTULO 4 | <b>A MONUMENTALIZAÇÃO DE JESUÍNO BRILHANTE EM “O BOM BANDIDO”</b> .....   | <b>129</b> |
|            | 4.1 A literatura .....  | 131        |
|            | 4.2 O folclore .....  | 144        |
|            | Considerações finais: a consagração da monumentalização ....  | 159        |
|            | Referências .....   | 165        |

## PREFÁCIO

*Emmanuel Albert Maurice Berger*<sup>1</sup>

O livro de Francisco Linhares Fonteles Neto faz parte de uma longa tradição de estudos dedicados aos bandidos desde a segunda metade do século XIX. A história do banditismo continua a despertar o interesse de pesquisadores e do público em geral. *Brigands*, *chauffeurs* ou simplesmente *bandits* — os termos variam de país para país, mas todos tentam definir um fenômeno social complexo que oscila entre justiça, resistência e criminalidade. O maior desafio apresentado por estes trabalhos é compreender a diversidade do banditismo quando somos constantemente atraídos de volta à unicidade do bandido. A tentação de reduzir a identidade do bandido a uma única dimensão foi expressa já em 1969 por Eric Hobsbawm em seu famoso livro *Bandits*, no qual ele promoveu a figura do “bandido social”.<sup>2</sup> Mais recentemente, a historiadora francesa Valérie Sottocasa dedicou um vasto estudo a outro tipo de bandido, o “bandido realista”.<sup>3</sup> No entanto, Francisco Linhares Fonteles Neto nos mostra, por meio da história de Jesuíno Brilhante, que os comportamentos adotados pelos bandidos e as representações que eles suscitavam são, de fato, plurais.

A vida desse bandido, que se tornou famoso por seus ataques à cidade de Imperatriz e à prisão de Pombal, até agora havia atraído principalmente o interesse de escritores e folcloristas. Independentemente das qualidades e deficiências de suas publicações, o que faltava era uma abordagem científica para .....

1 Doutor em História pela Université Catholique de Louvain, Professor do ISCTE-Lisboa, Portugal.

2 Eric Hobsbawm, *Bandits*, London, Weidenfeld & Nicolson, 1969.

3 Valérie Sottocasa, *Les brigands et la Révolution. Violences politiques et criminalité dans le Midi (1789-1802)*, Paris, Champ Vallon, 2016.

verificar até que ponto as virtudes atribuídas a Jesuíno Brilhante, celebrado como “bandido de honra” até hoje, eram realidade ou mito. Dado o péssimo estado de conservação dos arquivos do Nordeste, o desafio de uma abordagem verdadeiramente histórica era imenso. Para enfrentar esse desafio, Francisco Linhares Fonteles Neto seguiu um método aprovado de história social. Isso envolve a pesquisa, o cruzamento e a comparação de uma grande variedade de fontes, sejam elas administrativas, governamentais, literárias, folclóricas ou jornalísticas. O resultado é uma dessacralização da figura de Jesuíno Brilhante e uma restauração de suas várias dimensões.

Longe de ser um “bandido de honra”, defensor da viúva e do órfão, cujo senso de justiça o teria levado a redistribuir o produto de seus roubos aos mais necessitados, Jesuíno Brilhante é, acima de tudo, um homem do Sertão, uma das regiões mais pobres e áridas do Brasil. É também uma terra marcada por revoltas contra o Império, onde a burocracia estatal permanece limitada e frágil. No Sertão, Jesuíno Brilhante provavelmente lutou menos pelos necessitados do que para assumir o controle do território e de seus recursos. Para atingir esse objetivo, ele não estava sozinho. Ele podia contar com suas redes familiares e forjar alianças com políticos e poderosos locais. Essa representação é, sem dúvida, menos romântica do que a veiculada na literatura e no folclore. Mas, ao traçar um retrato mais comum — o de um criminoso do Sertão — e ao esclarecer a integração desse bandido no contexto social e cultural do Sertão, o grande mérito do livro de Francisco Linhares Fonteles Neto é dar uma profundidade verdadeiramente humana ao famoso Jesuíno Brilhante.

# APRESENTAÇÃO

*Monica Duarte Dantas<sup>4</sup>*

Há personagens históricos que chegam ao século XXI cercados por uma névoa de fama, feitos heroicos e uma boa dose de imaginação popular. E há Jesuíno Brilhante. O “rei do sertão” antes de Lampião sonhar com o couro estrelado, o homem que libertava presos, atacava vilas, enfrentava autoridades, montado em um cavalo com nome de vento — e que, não satisfeito, ainda virou folclore, literatura e patrimônio afetivo do Nordeste. Um prato cheio tanto para os entusiastas do cangaço quanto para historiadores que gostam de viver perigosamente.

Francisco Linhares Fonteles Neto aceitou esse risco. Armado de lupa, arquivos poeirentos, jornais amarelados, relatórios policiais indignados e cantorias que juram que o corpo do bandido era fechado, ele decidiu desfazer o mito para revelar o homem. O resultado está neste livro: uma investigação rigorosa, nada romântica, sobre quem foi, afinal, Jesuíno Brilhante.

O autor percorre, com elegância e disciplina, as veredas da história social do crime: teorias raciais do século XIX, disputas familiares que fariam inveja aos roteiristas de novela, redes políticas que protegiam e, às vezes, caçavam o bando, além de uma imprensa que já fazia sensacionalismo com maestria. O leitor descobrirá que, por trás do “bom bandido” heroificado pela cultura popular, existiu um homem profundamente inserido nas contradições do sertão oitocentista — onde legal e ilegal conviviam sem se olhar torto.

Mas não se engane: este não é um livro que mata o mito para erguer uma lápide. Ao contrário, ao pôr carne, suor e poeira de estrada em Jesuíno, o autor .....

4 Doutora em História Social pela USP, Professora Livre-Docente pela mesma universidade e Diretora do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB-USP, bolsista produtividade CNPq.

devolve-lhe a complexidade, o contexto e, por que não, o charme perigoso. Entre um documento policial e outro, vamos percebendo que o sertão que “começa onde acaba a terra”, sempre produziu personagens maiores do que a vida — e muito maiores que os orçamentos das delegacias.

Este livro é convite para revisitar uma história conhecida demais para ser ignorada, mas desconhecida o suficiente para surpreender. É um aviso de que a historiografia ainda tem muito a dizer sobre os tais “bandidos sociais” e que, antes de nos apaixonarmos pelo herói, precisamos entender o humano. E é prova de que o sertão, em sua teimosa grandeza, continua a ser um dos mais férteis terrenos para pensar o Brasil.

Que o leitor siga a trilha aberta por Francisco Linhares e, como quem se embrenha em caatingas pedregosas, descubra o fascinante — e nada óbvio — mundo de Jesuíno Brilhante. Com atenção redobrada, claro: no sertão, nunca se sabe de onde vem o próximo disparo da imaginação.

# O Sertão

O Sertão principia  
Depois que acaba a terra,  
Ou, sendo mais exato,  
Onde começa a pedra.  
E segue o Sertão-Alto: Pajeú, Moxotó,  
Onde termina o mundo  
E então começa o sol.  
Ou desce o Sertão-Baixo  
Do rio São Francisco,  
Que ostenta uma paisagem  
De pássaros e bichos.  
Embora o tempo durma  
Os sonos da estiagem,  
Nas curtas invernadas  
O verde abre a folhagem.  
E quando as águas descem  
Das cabeceiras curvas,  
A pedra ressuscita  
Lavrada pelas chuvas.

*Marcus Accioly*



## INTRODUÇÃO

Este livro apresenta a história de um personagem ainda pouco estudado, mas constantemente citado, sem muita profundidade, na historiografia nacional que se debruça sobre o banditismo. Falamos do célebre Jesuíno Alves de Melo Calado (1844-1879), mais conhecido como Jesuíno Brilhante, ou, simplesmente, “o Brilhante”, líder dos Brilhantes<sup>5</sup>.

Embora ocupe uma posição de destaque no panteão sagrado dos famosos bandidos que atuaram pelos sertões<sup>6</sup> do Brasil oitocentista — figurando, para muitos, como o maior entre eles —, os detalhes de sua existência, as incursões de seu bando a importantes cidades sertanejas e as explicações que demonstram como Jesuíno alcançou notoriedade entre os seus contemporâneos ainda hoje são superficiais e insuficientes. Assim, sua experiência é como a de muitos homens e mulheres que viveram à margem da história e permanecem à espera de que minudências de sua vida ordinária sejam reveladas pela pena do historiador.

É factível pensar que, se seus feitos estivessem registrados apenas nos documentos oficiais do Estado, nos relatórios de chefes de polícia ou, ainda, nas fontes judiciais, os quais poderiam ter sido destruídos pela traça, pela ação do tempo ou pela má conservação dos acervos, tais registros poderiam ter permanecido

.....  
5 Era costume entre os sertanejos pluralizar o nome do chefe do bando para com ele apelidar toda a quadrilha, assim como foi com os Viriatos e os Feitosas Cf BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917, p. 195.

6 Ao longo desse livro, o sertão e o sertanejo são entendidos para além de uma caracterização geográfica determinada, com clima, tipos sociais específicos e natureza única. Ambos são uma construção simbólica atribuída para vários lugares diferentes “No período imperial, os sertões brasileiros foram definidos como um *locus* da barbárie, sendo sua apropriação legitimada como uma obra de civilização. Conhecer, conectar, integrar, povoar, ocupar, são metas que contrapõem a modernidade ao sertão”. Cf MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. **Terra Brasilis** [Online], 2003, p. 4–5. posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>.

perdidos ou esquecidos em um arquivo judiciário empoeirado. No entanto, a iniciativa de problematizar e cotejar o *corpus* documental disponível, permite estabelecer ligações com um passado ainda não desvendado. Desse modo, torna-se possível, com um pouco de imaginação histórica e com alguma margem de segurança, conjecturar que, sem a existência de outros registros, Jesuíno seria considerado somente como mais um criminoso ou um transgressor, a partir de uma “visão de cima”, produzida por presidentes de províncias, delegados e juízes, pelos homens da lei, representantes do Estado preocupados com a criminalidade e a segurança pública.

A narrativa dessas fontes facilmente enquadra Jesuíno na categoria dos homens infames, cunhada pelo filósofo Michel Foucault<sup>7</sup>. Entretanto, quis o destino que essa figura alcançasse voos maiores, graças ao registro de suas façanhas em jornais, livros e cantorias, suportes culturais que permitiram que sua memória ganhasse novas versões, sendo apropriada e ressignificada. Assim, a circulação de sua história alcançou fama nacional mesmo antes de Antônio Silvino (1875-1944) ou de Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938) — o Lampião —, o bandido mais conhecido que viveu no sertão brasileiro. Jesuíno brilhou antes desses outros nomes e seus feitos ecoaram por várias vilas e cidades, chegando à capital do Império e ultrapassando os limites fronteiriços de seu torrão natal. Foi o primeiro bandido do século XIX, juntamente com seu tio, José Brilhante, a conseguir atuar em três províncias<sup>8</sup>, transitando livremente pelas antigas estradas empoeiradas, chão de terra batida e despolicizadas, que ligavam as fronteiras do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará, onde concentrou o raio de suas ações ao longo de sua vida marginal.

Jesuíno Brilhante e suas aventuras foram, de fato, immortalizadas nas cantigas populares, entoadas pelos “sertões de dentro” ou no “alto sertão”, como se dizia  
 .....

7 FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber, ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 203-222, 2003.

8 A troca de ofícios emitidos pelas autoridades das províncias do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba para o Ministério da Justiça, nos apresentam indícios de que Jesuíno também atuou pelo sertão de Pernambuco, mas sem muitas incursões, sua ação se restringiu a cidades do sertão pernambucano que faziam fronteira com as províncias citadas acima, geralmente para fugir de alguma perseguição policial. Cf. Despacho “Perseguição a Criminosos” Código de referência: BR RJANRIO AI. Código do fundo: A I. Fundo/Coleção: Série Justiça – Gabinete do Ministro. Notação do documento: I J 1 279. Conteúdo: Ceará. Ofícios dos Presidentes. Datas-limites: 1875.

à época. De forma épica, com enredos quase mitológicos, os menestréis cantaram as invasões do bandido às cidades, acompanhado de seu grupo e montado em seu cavalo crioulo, de nome “Exalação”. Segundo a tradição, o animal era capaz de “farejar emboscadas e recuava”, já no combate espalhava “chuva de patadas e coices”<sup>9</sup>.

Conforme essas narrativas, quando perseguido, após suas incursões, Jesuíno se refugiava na casa de pedra situada no cume da serra da cidade de Patu, seu torrão natal, distante 327 quilômetros da capital da Província do Rio Grande do Norte. Com posição panorâmica, a casa de pedra podia pôr à vista a aproximação dos inimigos. O local era transformado por ele em uma fortaleza intransponível, ideal para se proteger das forças policiais.

As narrativas sobre Jesuíno e suas aventuras são muitas; elas contemplam arrombamento de cadeias públicas para libertar presos, assassinatos de inimigos, ataques aos comboios de víveres etc. Não raro, seu sucesso é atribuído ao uso de patuás, de orações poderosas e de poções mágicas que lhe conferiam força e poderes sobrenaturais, como invisibilidade e proteção contra balas, “fechando-lhe o corpo”. Todas essas narrativas ajudaram a construir a memória dessa figura lendária.

Decerto, essa versão de Jesuíno Brilhante, que emana da tradição popular é a mais palatável e consumida, preservando uma memória heroica muito comum no folclore e que o monumentaliza. A narrativa, entretanto, destoa de uma realidade histórica, de forma que fica difícil separar o homem do mito, sendo preciso uma pesquisa histórica que se proponha a compreender suas ações, pon-do carne e sangue nesse personagem fundamental do banditismo nacional. Por esse prisma, esta pesquisa revela outro personagem não tão simpático como o que até agora fora apresentado, porém mais humano.

Diferentemente do que se tem na literatura geral sobre o tema, este livro que o leitor tem mãos constitui uma contribuição ao estudo do banditismo, com o propósito de tentar fugir da visão idealizada do bandido, utilizada como arquétipo por literatos do século XIX e reproduzida, em larga medida pela historiografia oficial, sobretudo a elaborada por autores potiguares. Busca-se

9 CASCUDO, Luís da Câmara. **Flor de Romances trágicos**. Natal: Fundação José Augusto, 1982, p. 120.

ampliar o caleidoscópio analítico para revelar que as ações de Jesuíno, boas ou más, estão para além de uma simples visão maniqueísta. Para a concretização desse esforço, foi preciso entender qual a extensão das suas ações e como ele lidava com poderosos locais, construindo sua rede de proteção, dentro de um jogo de interesses e tramas, tentando identificar sua relação com o Estado. Em outras palavras, procurou-se saber se havia uma proposta de mudar a realidade vigente ou se suas ações causaram alguma fissura nas estruturas de poder que se perpetuavam no sertão brasileiro do século XIX, lugar onde legalidades e ilegalidades, ordem e desordem se estabeleciam em fronteiras muito frágeis, mas bem demarcadas para aqueles que nele habitavam.

Em linhas gerais, a teoria que se convencionou aplicar ao banditismo social na historiografia tem cunho acrítico e é aplicada a diversas realidades sociais de forma indiscriminada, sem o devido cuidado analítico. Por essa razão, optou-se pelo estudo de caso como estratégia metodológica, a fim de escapar dos modelos esquematizados, pré-estabelecidos e cristalizados, permitindo conhecer melhor as particularidades de Jesuíno e do contexto no qual estava inserido.

As pesquisas sobre o banditismo, geralmente estão pautadas na análise de relatos orais dos sertanejos, coletados pelos folcloristas e entusiastas do tema. Essa metodologia conduz o debate para um campo excessivamente romantizado e predominantemente positivo das ações dos criminosos, interpretação seguida à risca nos estudos sobre Jesuíno Brillhante. Trata-se de uma linha de investigação que favorece a monumentalização da figura do “bom bandido”<sup>10</sup> em detrimento dos estudos que permitam entender a construção das redes de proteção, das alianças e das trocas forjadas entre os fora da lei e proprietários de terras, políticos locais e, não raro, membros do Estado.

Em oposição a essa perspectiva, este livro tem o escopo não só de desvelar a história de Jesuíno Brillhante, recompondo sua trajetória no crime, mas também, de estudar o que fizeram com sua memória após sua morte, catapultando-o para uma condição de destaque entre os bandidos do século XIX. Esse segundo

.....  
 10 Para saber mais sobre o processo de monumentalização de Jesuíno Brillhante, Cf: FONTELES NETO, Francisco Linhares. O Folclore e o banditismo no Nordeste brasileiro. In: FONTELES NETO, Francisco Linhares; BRETAS, Marcos Luiz; FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson (org.). **História do Banditismo no Brasil**: novos espaços, novas abordagens. 1. ed. Santa Maria: Ed. Santa Maria: Ed. UFSM, v. 1, p. 287-310, 2019. Essa ideia foi ampliada no quarto capítulo desse livro.

objetivo torna-se ainda mais interessante, dada a condição que lhe foi imputada nos estudos sobre banditismo.

O leitor interessado nesse tema certamente terá a curiosidade de entender a metodologia e o uso das fontes aqui empregadas. De antemão, ressalta-se que se optou por não dividir os capítulos a partir das fontes que aparecem com maior frequência. Evidentemente, aqui e acolá poderá haver a presença majoritária de determinada documentação, como ocorre no terceiro capítulo, no qual se utilizou mais intensamente a imprensa.

Para a feitura deste livro, compulsou-se uma quantidade significativa e bastante variada de documentos do século XIX: notícias de jornais; relatórios, correspondências e ofícios de chefes de polícia e presidentes de províncias do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará, remetidos aos respectivos ministérios do Império (Justiça, Guerra e Interior); processos; missivas de delegados; e gestas populares.

A metodologia seguiu o princípio basilar do fazer histórico, que considera os problemas suscitados às fontes e realiza o cotejamento das informações colhidas, cruzando-as, checando-as e extraindo com o máximo de cuidado, subsídios para recompor a senda de Jesuíno no mundo do crime e apreender com maior precisão o objeto de estudo.

O livro está estruturado em quatro capítulos que podem ser lidos de forma independente, embora dialoguem entre si. No primeiro capítulo — *Teorias criminais no banditismo à brasileira* —, apresenta-se um texto com aporte mais teórico, demonstrando como o tema começou a ser estudado no Brasil no último quartel do XIX, a partir do trabalho de Nina Rodrigues, ampliado posteriormente por Gustavo Barroso. Ambos os autores teceram uma explicação com base na raça e no meio ambiente para definir as causas da criminalidade do homem sertanejo, que se manifesta de forma mais latente no fenômeno do banditismo. Na segunda parte do capítulo, detém-se mais precisamente na historiografia do banditismo, com o esforço de abarcar suas principais tendências. Nessa seção, realizou-se uma revisão bibliográfica com objetivo de apresentar o estado da arte, sem o interesse de esgotar o assunto. A partir desse apanhado, pretende-se oferecer ao leitor uma chave de interpretação do bandido Jesuíno para além do que já tem sido produzido a seu respeito.

No segundo capítulo — *Brigas de famílias no sertão* —, dá-se atenção à província do Rio Grande do Norte, especificamente ao conflito entre as duas famílias da vila de Patu: os Alves de Melo e os Limões. Nosso intuito foi recuperar a trajetória de Jesuíno Brilhante, que emerge desse conflito, sendo catapultado para à condição de maior bandido do sertão no século XIX.

No terceiro capítulo — *Medo e desordem no sertão sem controle: a circulação de notícias sobre os ataques de Jesuíno Brilhante e seu bando* —, analisa-se a imprensa da época e como ela noticiava as ações de Jesuíno e de seu séquito no sertão. Na tentativa de recompor a construção do medo que as notícias tentavam criar, realizou-se uma coleta de mais de cem matérias em jornais que circularam no Império entre os anos de 1871 e 1879. Privilegiaram-se províncias como o Rio Grande do Norte, a Paraíba e o Ceará, por serem as mais atacadas por Jesuíno e seu bando. Para perceber como essas notícias circulavam fora do seu raio de ação, investigaram-se também jornais da Bahia, de Pernambuco, de Alagoas, de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Santa Catarina e do Paraná, geralmente com notícias republicadas nas seções de “correspondências”, que noticiavam assuntos diversos sobre as províncias.

No quarto e último capítulo — *A monumentalização de Jesuíno Brilhante em “o bom bandido”* —, apresenta-se ao leitor o artifício da operação historiográfica utilizada para demonstrar como a imagem de Jesuíno Brilhante passou por um processo de monumentalização. Seu bando não foi o único a atuar durante o último quartel do XIX; muitos outros deram trabalho às forças policiais, agindo isoladamente ou em parceria com bandidos, construindo redes de solidariedade ou fortalecendo apoios mantidos com base nos laços familiares e de parentela.

No mesmo capítulo, busca-se revelar a apropriação de sua memória por homens letrados, que a utilizaram em projetos distintos, em um primeiro momento com a literatura naturalista e depois com o folclore. Dentro de seus contextos específicos, utilizaram a imagem de Jesuíno como um arquétipo do “bom bandido”, um modelo idealizado de criminoso que só existiu na imaginação desses letrados. A historiografia que aborda Jesuíno Brilhante tem incorrido no mesmo equívoco, requeitando uma fórmula já bastante difundida, como será visto.

Por fim, deseja-se a todos uma boa leitura.

O presente livro oferece uma valiosa contribuição para a história social do crime e do banditismo no Brasil ao analisar a trajetória de Jesuíno Brilhante para além do mito do “bandido bom” e do herói presente na cultura popular. Ao acompanhar a vida de um homem que viveu no sertão oitocentista, a obra revela as tensões entre práticas legais e ilegais e as demandas de uma realidade sociocultural e geográfica concreta. Com atuação nas províncias do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, Jesuíno Brilhante buscou garantir poder político territorial e controle sobre os recursos naturais numa das regiões mais áridas e pobres do país. Para tanto, contou com uma extensa e sólida rede de apoios e alianças, que possibilitou êxito em diversas investidas, como roubos, invasões e ações de assistência junto à população pobre, evidenciando a complexa articulação entre violência, sociabilidade e poder. Além de ampliar o debate sobre o banditismo, o livro evidencia a potência da abordagem micro analítica para uma melhor compreensão de fenômenos históricos já conhecidos. Ao atentar para indícios, silêncios e para o cruzamento de fontes variadas, a análise da trajetória de Jesuíno Brilhante permite acessar contextos antes invisibilizados e formular novos problemas de pesquisa. Partindo de uma imagem cristalizada do “maior bandido” do século XIX, Francisco Linhares não se deixa seduzir por explicações pré-estabelecidas; ao contrário, com o espírito de um caçador que persegue sua presa, confere atenção aos rastros e fragmentos deixados pelo personagem. Seguindo essa perspectiva, propõe uma releitura da relação entre violência, poder e ambiente, na qual o sertão emerge como uma construção social.

**Profa. Dra. Máira Ines Vendrame**

*Bolsista produtividade CNPq, Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em História da UFPel e Permanente na Pós-graduação em História da UFJF*

Poucos temas apaixonam mais o imaginário brasileiro do que o banditismo rural que marcou quase um século da nossa história social. Ricos de acontecimentos, violências, movimentações pelos extensos espaços agrestes do interior do país, vividos por personagens carismáticos de rica fortuna visual. É esse cenário colorido, das cores da terra semiárida, que nos é trazido pelas mãos de Francisco Linhares e pela história de um personagem que tem papel central na construção desse imaginário que se fez cangaço: Jesuíno Brilhante. Heróis/vilões de um mundo próximo e distante, deixando marcas de uma cultura sertaneja que ainda seduz.

**Prof. Dr. Marcos Bretas**

*Instituto de História - UFRJ*

ISBN 978-655421270-0



Editora **SERTÃO CULT**